

## Criação e Manejo Sustentável de Abelhas sem Ferrão no Território Indígena Pankararé (TIP), Raso da Catarina, Bahia, Brasil.

NUNES, Felipe<sup>1</sup> Oliveira; SPINELLI, Amia<sup>2</sup> Carina; NUNES, Camila<sup>3</sup> Oliveira & CASTRO, Marina<sup>4</sup> Siqueira de,

<sup>1</sup>Instituto Natureza, Gente e Arte – INAGEA, BA, Brasil, Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, nunesfo@gmail.com; <sup>2</sup> Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, amiaspineli@gmail.com; <sup>3</sup> Instituto Natureza, Gente e Arte – INAGEA, BA, Brasil, Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, milaon@gmail.com; <sup>4</sup> Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, Departamento de Biologia – Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável – UNB/CDS, marinalabe@gmail.com

### Resumo

A experiência surgiu no projeto GEAP IIª Etapa (2003–2007) a partir de uma demanda dos indígenas, sendo a criação de abelhas sem ferrão uma atividade tradicional nas aldeias. Após esta etapa, as atividades foram consolidadas nos projetos Desenvolvimento de um Modelo Agroecológico para Agricultura Familiar Indígena no Semi-árido (2005–2008) e Projeto de ATER Integrada a Produção Agroecológica Sustentável (2006–2008) no Território Indígena Pankararé, Raso da Catarina, Bahia. A experiência visava à construção participativa de um sistema local de criação e manejo racional de abelhas sem ferrão, onde os conhecimentos técnico-científicos se complementam ao conhecimento tradicional que dialogam. As atividades eram realizadas com a participação efetiva do indígena envolvido, que assumia o papel de sujeito da ação. Também participaram das atividades membros do grupo doméstico e graduandos em biologia. Houve o aumento do número de criadores e a melhoria nas técnicas de criação e manejo.

**Palavras-chave:** Meliponicultura, Agroecologia, Manejo tradicional.

### Contexto

Os Meliponini (abelhas indígenas sem ferrão) ocupam grande parte das regiões de clima tropical do planeta e importantes regiões de clima temperado e subtropical. Estas abelhas constroem os seus ninhos com materiais diversos, que encontram na natureza, e também com a cera, material secretado, ou seja, produzido por essas abelhas. Além da cera produzida, pode-se destacar a produção de mel, armazenamento de pólen, depósitos de própolis, geoprópolis e batume (NOGUEIRA-NETO, 1997).

As abelhas sem ferrão são importantes por serem parte integrante do ecossistema da região em que vivem. Sua principal função na natureza é a polinização das flores e, conseqüentemente, produção de sementes e frutos (KERR, 1996).

As populações de abelhas sem ferrão estão em declínio em vários habitats perturbados, inclusive naqueles fragmentados. Atividades antrópicas e o corte de madeira que levam à destruição de árvores usadas na nidificação de abelhas nativas são apontadas como importantes causas deste declínio. Em algumas regiões do nordeste brasileiro, principalmente na caatinga, os meleiros têm destruído sistematicamente várias árvores para obter o mel, seja para o uso como alimento, ou para medicamento, e, ou alternativa de renda (CASTRO, 2001, 2005).

No Brasil, antes da introdução da *Apis mellifera* as abelhas criadas eram exclusivamente as abelhas nativas sem ferrão. A criação em cortiços (truncos de madeira), cabaças, potes de barro e caixas de madeira era uma atividade tradicional em muitas comunidades indígenas e não

## Resumos do VI CBA e II CLAA

indígenas. No entanto, o interesse por essa prática foi diminuindo gradativamente, em muitas áreas, onde a destruição dos habitats é bastante intensa (CASTRO, 2005).

Por outro lado nota-se atualmente, em muitas regiões, o crescente interesse pela criação das abelhas sem ferrão (*Meliponini*) e o seu uso em projetos que visam a conservação dos habitats e de culturas tradicionais, advindos das políticas e ações públicas de incentivo a esta atividade e de ações conservacionistas (MORDERCIN, CASTRO, NUNES, 2006).

Segundo Posey (1992) povos indígenas e tradicionais desempenham um papel central na implementação de práticas de sustentabilidade. Para este autor a diversidade biológica e a cultural acham-se intrinsecamente ligadas, pois, os sistemas de manejo, não só abrangem princípios de sustentabilidade, como muitos dos ecossistemas “naturais” são resultados das práticas tradicionais dessas populações.

A criação de abelhas sem ferrão (ASF) em cortiços é uma tradição entre os indígenas Pankararé do Raso da Catarina, o que pode ser evidenciado pelo amplo uso dos méis e cera de “abelha mansa” para diversos fins pelos índios do Território Indígena Pankararé, TIP. Dentre os principais usos, destacam-se:

1. O uso do mel da “Uruçú” (*Melipona subnitida*) – conhecida por esta denominação apenas no TIP (Marina S de Castro, informação pessoal) sendo chamada popularmente em outros locais de sua ocorrência no Nordeste brasileiro, como “Jandaíra” – é citado por diversos indígenas Pankararé como eficaz no combate a picada de cobras;
2. O mel da “abelha branca” (*Frieseomielitta doederleini*) – também conhecida em outros locais de sua ocorrência como “moça branca” e “asa branca” – é amplamente usado na alimentação cotidiana indígena, além de ser comercializado no próprio TIP e na feira livre da cidade de Paulo Afonso, distante cerca de quarenta quilômetros da terra indígena;
3. A cera Sampaio, Oliveira, Castro, (2009) da abelha branca é a mais utilizada pelos Pankararé quando usada na vedação de recipientes para o armazenamento de sementes, tais como: garrafas pet, latões de zinco entre outros;
4. O mel de mandaçaia (*Melipona mandacaia*), que só ocorre no TIP em áreas de caatinga mais distantes das aldeias mais povoadas e de mais difícil acesso, é citado como eficiente na desintoxicação de animais que ingeriram alguma planta venenosa ou outra substância tóxica;

Além das abelhas mansas supracitadas, os Pankararé ainda reconhecem a “papa-terra” (*Melipona asilvai*, Moure 1975), os vários tipos de “abelha mosquito” (*Plebeia* sp.), a “cupira” (*Partamona* sp.) e a trombeta (*Lestremelitta limao*).

Desse modo, esta experiência se origina da necessidade de continuação das atividades de criação das “abelhas mansas” no TIP, que foram iniciadas a partir de um desejo dos Pankararé, expresso no Diagnóstico socioambiental realizado no Projeto Gestão Etnoambiental Pankararé – Iª Etapa. Desde o início do Projeto Gestão Etnoambiental Pankararé IIª Etapa (GEAP – IIª Etapa), que fomentou a criação de ASF.

Os principais objetivos eram: 1) Implementar a Criação Racional de abelhas sem ferrão da caatinga no TIP; 2) Prestar a assistência técnica necessária a realização das atividades de criação e manejo; 3) Gerar autonomia aos indígenas no manejo das “abelhas mansas”;

Assim, durante a execução do Projeto GEAP IIª Etapa, os dois primeiros objetivos foram alcançados, contudo os Pankararé que entraram nesta atividade, não demonstravam segurança em todas as técnicas de manejo racional das abelhas sem ferrão. Portanto, fazia-se necessária a continuação da assistência técnica individual, além das oficinas de manejo avançado destas

abelhas.

### Descrição da Experiência

No projeto GEAP IIª Etapa (2003 – 2007) foi iniciada a criação de abelhas sem ferrão no TIP, sendo os primeiros meliponicultores cadastrados e algumas atividades iniciadas (oficinas de qualificação, implantação dos primeiros meliponários e assistência técnica constante). Alguns criadores permaneceram na atividade, mas vários indígenas que tinham vontade de criar as abelhas não acreditavam no potencial da meliponicultura.

A partir da realização do Projeto Desenvolvimento de um Modelo Agroecológico para Agricultura Familiar Indígena no Semi-árido (2005 – 2008), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) e posteriormente do Projeto Assistência Técnica e Extensão Rural Integrada a Produção Agroecológica Sustentável no Território Indígena Pankararé, Raso da Catarina, Bahia (2006 – 2008), financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), ambos executados pela Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), e a Universidade Estadual de Feira de Santana através do Núcleo Irai de Desenvolvimento Sustentável, as atividades continuaram e outras foram agregadas, tais como: 1) Oficinas de manejo avançado de abelhas sem ferrão; 2) Oficina de coleta e conservação dos méis de abelha mansa; 3) Análise físico-química dos méis da abelha uruçú e da abelha branca, realizada na Unidade de Análise de Mel do Laboratório de Abelhas (LABE) da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA); 4) Distribuição de modelos de caixa racional e construção de novos meliponários com estrutura mais adequada ao manejo destas abelhas.

Como a experiência visava à construção participativa de um Sistema Local de Criação e Manejo Racional de Abelhas sem Ferrão, onde os conhecimentos técnico-científicos se complementam ao conhecimento tradicional, todas as atividades eram realizadas com a participação efetiva do indígena envolvido, onde este assumia o papel de sujeito da ação.

As atividades acima relacionadas foram executadas em quatro aldeias do Território Indígena Pankararé: Chico, Serrota, Ponta D'água e Poço.

O Território compreende duas Terras Indígenas adjacentes, já demarcadas e com cerca de 46 mil hectares, localizadas na ecorregião do Raso da Catarina e que tem como limites o quadrilátero formado pelos municípios de Canudos, Macururé, Paulo Afonso e Jeremoabo. A ecorregião do Raso da Catarina ocupa uma estreita faixa alongada no sentido N-S, localizada na parte centro-leste do bioma caatinga, e abriga fauna variada e endêmica. O clima desta região é semi-árido, bastante quente e seco, com pluviosidade média 650mm/ano na parte sul (BA) e período chuvoso de dezembro a julho. A vegetação do Raso da Catarina e adjacências é do tipo caatinga de areia arbórea e arbustiva, muito densa e menos espinhosa que a caatinga de solos cristalinos.

### Resultados

As colônias iniciais foram obtidas *in situ* (caatinga) através da transferência das colônias naturais nidificadas em árvores para a caixa rústica. A transferência não implicou na perda de árvores e o aumento de colônias nos meliponários se deu por meio da técnica de divisão das mesmas quando fortes. No início das atividades eram apenas 7 meliponicultores indígenas criando as abelhas em “cortiços” - tronco de árvores, principalmente umburana de cambão (*Commiphora leptophloeos* – Burseraceae).

Com a continuidade das atividades com as abelhas mansas nas aldeias, os indígenas começaram a perceber que a criação das ASF em caixas racionais era viável, pois as abelhas apresentaram um bom desenvolvimento de suas colônias nestas caixas. Desse modo, a

## Resumos do VI CBA e II CLAA

participação, foi aumentando e o interesse pela meliponicultura cresceu nas aldeias. Hoje são 17 meliponicultores criando 45 colônias de abelhas uruçú, 11 de abelha branca, 04 de papa-terra, 02 de mosquito e 01 de cupira, totalizando 59 colônias (Tabela 1).

Além, do aumento do número de meliponicultores, pode-se destacar o sucesso das oficinas de manejo e da assistência técnica individual frequente, tanto nos meliponários coletivos quanto na criação individual, haja vista a melhoria das colônias quanto a sua estrutura física e produção de mel.

As atividades de manejo relacionadas às técnicas iniciais da meliponicultura (transferência, alimentação artificial, controle de pragas etc) foram bem assimiladas por serem de mais fácil compreensão. Contudo, a absorção das técnicas avançadas de manejo (revisão, divisão, reforço de colônias etc) não se deu de maneira rápida e efetiva, o que pode ser explicado pelo fato dessas técnicas demandarem cuidados freqüentes e serem de difícil assimilação cultural.

É importante ressaltar que não houve mortandade significativa de colônias, sendo que as maiores causas dessas mortes se deram no início dos trabalhos devido ao manejo inadequado, que possibilitou o ataque dos ninhos por pragas (formigas, forídeo etc).

TABELA 1. Lista de meliponicultores no TIP.

Criador	Espécie	Quantidade de colônias por espécie
Meliponicultor 1 (J. P. da S. X.)	Uruçú	07
Meliponicultor 2 (A. R. do N.)	Uruçú	07
Meliponicultor 3 (D. C. de B.)	Uruçú	01
Meliponicultor 4 (D. R. do N.)	Uruçú	01
Meliponicultor 5 (D. J. F.)	Uruçú	01
Meliponicultor 6 (H. F.)	Abeia branca	01
	Uruçú	01
Meliponicultor 7 (G. P. de J)	Uruçú	01
Meliponicultor 8 (H. dos S. O.)	Abeia branca	01
	Abeia branca	07
Meliponicultor 9 (J. da C.)	Uruçú	03
	Papa-terra	01
Meliponicultor 10 (L. S.)	Uruçú	01
	Uruçú	05
Meliponicultor 11 (J. M. de O.)	Papa-terra	02
	Abeia branca	01
Meliponicultor 12 (O. do N.)	Uruçú	08
	Cupira	01
Meliponicultor 13 (J. R. X.)	Abeia branca	01
	Mosquito	01
Meliponicultor 14 (R. X.)	Uruçú	01
Meliponicultor 15 (R. da C.)	Mosquito	01
Meliponicultor 16 (O. J. M.)	Uruçú	02
Meliponicultor 17 (R. G. X.)	Uruçú	02
	Papa-terra	01

No intuito de avaliar o sistema local de manejo, considerou-se, nessa fase, a assimilação das

## Resumos do VI CBA e II CLAA

técnicas de manejo avançado, além do aumento e da fixação das colônias advindas das divisões. Barreto (2009) considerou a criação racional de abelhas nativas sem ferrão (infra estrutura e qualificação dos indígenas) como uma condição que permitiu a redução da atuação de “meleiros”, contribuindo na conservação da biodiversidade local.

Portanto, pode-se concluir que, apesar de haver uma demora por parte dos indígenas na assimilação e aplicação dos conhecimentos técnico-científicos relacionados ao manejo destas abelhas, esta atividade demonstra alto potencial no TIP, tanto pelo amplo uso dos produtos provenientes da meliponicultura nas práticas e medicina tradicional, quanto à venda dos mesmos. Atualmente os indígenas Pankararé produzem mel de abelhas africanizadas com qualidade e em quantidade; além de diversificarem sua oferta com os produtos obtidos da criação das abelhas sem ferrão. A nova etapa é a integração dos Pankararé aos programas (ações) provenientes das políticas públicas governamentais relacionadas à promoção dos produtos da sociobiodiversidade.

### Referências

BARRETO, L. S. *Avaliação do modelo agroecológico através de indicadores de sustentabilidade, Aldeia Serrota, etnia Pankararé, Bahia*. 2009. 44 p. Monografia (Especialização em Indigenismo e Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CASTRO, M. S. de. Manejo sustentado e preservação de abelhas sem ferrão em pequenas propriedades do Estado da Bahia. Relatório final de projeto pesquisa meta 10, apresentado ao PRONAF (Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar), 2005

KERR, W. E. *Abelha Urucu: Biologia, Manejo e Conservação*. Horizonte: Acangaú, 1996.

MODERCIN, I. F.; CASTRO, M. S. de ; NUNES, F. O. Saberes e Práticas tradicionais sobre Poinização e abelhas. Consultancy Junior Research on Ethnobiology: assessment of local management practices and tradicional Knowledge. *Food Agriculture Organization (FAO)*, Salvador, 2006.

NOGUEIRA-NETO, P. *Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão*. São Paulo: Nogueirapis, 1997.

SAMPAIO, J.; OLIVEIRA, F. ; CASTRO, M.S. *Uso da cera de abelhas pelos índios Pankararé, no Raso da Catarina. Arquivos do Museu Nacional*, 2009.